



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v19.i0.8658913>


Artigo Original

Ações do goleiro de handebol em arremessos de longa e curta distância: opinião de treinadores do Estado de São Paulo

Actions of the handball goalkeeper in long and short throw shots: speeches of coaches from the State of São Paulo

Acciones del portero de balonmano en tiros largos y cortos: opinion de entrenadores del Estado de São Paulo

Felipe Modolo¹ 

Rafael Pombo Menezes¹ 

RESUMO

Objetivo: identificar as características e ações do goleiro de handebol diante de arremessos de longa (9m) e curta (6m) distâncias, a partir da opinião de treinadores brasileiros da categoria sub-16. **Metodologia:** foi utilizada uma abordagem qualitativa, a partir de entrevistas semiestruturadas com 19 treinadores de equipes masculinas e/ou femininas da categoria sub-16, que participaram de competições organizadas pelas duas maiores ligas de handebol do Estado de São Paulo. Os depoimentos foram tabulados e analisados com base no método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). **Resultados e Discussão:** foram identificados quatro discursos: o DSC1 e o DSC3 apontaram a necessidade de o goleiro ser capaz de identificar as características técnico-táticas dos atacantes no momento do arremesso como forma de subsidiar a sua tomada de decisão; o DSC2 apontou a importância da colaboração entre goleiro e defensores; e o DSC4 apontou possíveis ações do goleiro que visam diminuir as possibilidades de arremesso do atacante. **Considerações Finais:** O estudo apresentou como considerações finais algumas diretrizes que os treinadores podem utilizar para planejar o treinamento dos goleiros de handebol durante o seu processo de formação esportiva.

Palavras-chave: Pedagogia do Esporte. Treinador Esportivo. Handebol. Goleiro.

¹ Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto – SP, Brasil.

Correspondência:

Rafael Pombo Menezes. Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto. Av. Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, Ribeirão Preto – SP, CEP 14040-907. Email: rafaelpombo@usp.br



ABSTRACT

Objective: The aim of this work was to identify the characteristics and actions of the handball goalkeeper for long (9m) and short (6m) pitches, based on the opinion of Brazilian coaches of the U-16 teams. **Methodology:** A qualitative approach was used, based on semi-structured interviews with 19 male and / or female team coaches in the sub-16 category, who participated in competitions organized by the two largest leagues in the State of São Paulo. The speeches were tabulated and analyzed based on the Collective Subject Discourse (CSD) method. **Results and discussion:** Four CSD were identified: CSD1 and CSD3 pointed out the need for the goalkeeper to be able to identify the technical-tactical characteristics of the attackers in the shot to support his decision making; CSD2 showed the importance of collaboration between goalkeepers and defenders; and CSD4 pointed out possible actions by the goalkeeper that aim to reduce the attacker's chances of shooting. **Final considerations:** The study presented as final considerations some guidelines that coaches can use to plan the training of handball goalkeepers during their sports training process.

Keywords: Sport pedagogy. Sports Coach. Handball. Goalkeeper.

RESUMEN

Objetivo: El objetivo de esta investigación fue identificar las características y acciones del portero de balonmano para lanzamientos largos (9m) y cortos (6m), en base a la opinión de los entrenadores brasileños en la categoría cadete. **Metodología:** Se utilizó un enfoque cualitativo, basado en entrevistas semiestructuradas con 19 entrenadores de equipos masculinos y/o femeninos en la categoría cadete, que participaron en competiciones organizadas por las dos ligas más grandes del Estado de São Paulo. Las declaraciones fueron tabuladas y analizadas en base al método de Discurso del Sujeto Colectivo (DSC). **Resultados y discusión:** Se identificaron cuatro discursos: DSC1 y DSC3 señalaron la necesidad de que el portero pueda identificar las características técnico-tácticas de los atacantes en el tiro para apoyar su toma de decisiones; DSC2 señaló la importancia de la colaboración entre porteros y defensores; y DSC4 señaló posibles acciones del portero que tienen como objetivo reducir las posibilidades de disparo del atacante. **Consideraciones finales:** El estudio presentó como consideraciones finales algunas pautas que los entrenadores pueden usar para planificar el entrenamiento de los porteros de balonmano durante su proceso de entrenamiento deportivo.

Palabras-clave: Pedagogía del deporte. Entrenador deportivo. Balonmano. Portero.

INTRODUÇÃO

O handebol tem como uma de suas características principais as relações de cooperação-oposição que ocorrem entre os jogadores durante o jogo (SOUSA; PRUDENTE; SEQUEIRA; HERNANDEZ-MENDO, 2014), considerando os diferentes postos específicos. Dentre estes, o goleiro de handebol tem como principal objetivo defensivo evitar que o adversário anote o gol e como objetivo ofensivo, após a recuperação da posse da bola, dar início a fase de transição ofensiva da sua equipe (ARIAS ESTERO, 2009).

Especificamente sobre o objetivo defensivo, para realizá-lo, o goleiro de handebol deve desenvolver características de ordem técnico-tática, como suas técnicas de defesa (ANTÚNEZ MEDINA, 2003), sua postura-base dentro de jogo (ARIAS ESTERO, 2009; MODOLO; MENEZES, 2019) e as características cognitivas relacionadas ao processo de tomada de decisão (MATIAS; GRECO, 2010). Essas características permitem ao goleiro identificar sinais relevantes inerentes às trajetórias dos atacantes, ao local da quadra do qual ocorrem os arremessos, à posição do braço dos atacantes entre outras (MODOLO; MENEZES, 2019). Destaca-se, ainda, que tal perspectiva não desabona a importância da preparação física específica (KARPAN *et al.* 2015) e de características psicológicas (MIRANDA, 2002) na concepção do referido posto específico, no entanto, não serão discutidas em profundidade neste artigo.

Considerando as características supracitadas que compõe a dimensão tática do handebol (GARGANTA, 1998) e configuram a complexidade do jogo de handebol (MENEZES, 2012; WAGNER *et al.*, 2014), entende-se que as ações do goleiro também se apresentam imersas nesse contexto por serem dependentes da interação das diferentes capacidades supracitadas para que se possa cumprir os seus objetivos de jogo. Tais características e objetivos devem ser abordados em uma perspectiva de longo prazo com a participação esportiva das crianças e jovens em um contexto de formação esportiva (GRECO; BENDA, 2002). Dessa forma, pensar em um processo de ensino-aprendizagem em longo prazo necessariamente perpassa pelo desenvolvimento paulatino dessas características, principalmente relacionadas a cada etapa de desenvolvimento dos jovens jogadores.

Considerando o contexto brasileiro, a categoria sub-16 no handebol é indicada para iniciar o processo de especialização em um determinado posto específico, como o goleiro (GRECO; BENDA, 2002; SANTOS; MENEZES, 2019; 2020). Nessa categoria o objetivo principal é a busca pelo melhor rendimento esportivo associado a uma aprendizagem cada vez mais específica, especialmente, do ponto de vista técnico-tático (GRECO; BENDA, 2002; SANTOS; MENEZES, 2019; 2020). Ao mesmo tempo, também há a possibilidade de lidar

com jovens que estejam apenas iniciando a prática esportiva nessa faixa etária (MENEZES, 2010). Dessa forma, o contexto brasileiro traz o desafio de mediação e planejamento de um processo de treinamento que possa desenvolver características cada vez mais específicas para os jovens jogadores que já possuem essa experiência no esporte e, simultaneamente, desenvolver aspectos inerentes à iniciação esportiva para aqueles que iniciaram tardiamente.

Neste ponto, o modelo de desenvolvimento de participação esportiva (DMSP) proposto por Côté, Baker e Abernethy (2007), sugere que, ao longo do processo de formação esportiva, a especificidade dos conteúdos e principalmente dos métodos de ensino, ocorra gradativamente, sendo balizado pela relação entre os conceitos de jogo deliberado, prática deliberada (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013) e da prática do jogo (*play practice*) (CÔTÉ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013)². O DMSP possibilita estabelecer diretrizes para definir possibilidades de ensino dos diferentes conteúdos, ao longo do processo de formação esportiva. Embora seja um modelo pautado na realidade canadense, alguns achados sobre a especialização de goleiros no contexto brasileiro permitiram estabelecer aproximações com o DMSP (SANTOS; MENEZES, 2019, 2020). A categoria sub-16 analisada neste estudo, encontra-se entre as etapas de especialização (13 a 15 anos) e investimento (a partir dos 16 anos) propostas pelo DMSP.

Diante deste panorama, faz-se necessário compreender como ocorre a formação do goleiro de handebol na categoria sub-16, considerando não só o jovem atleta, mas também um dos agentes importantes nesse processo de formação esportiva: o treinador, que é o responsável pela definição dos conteúdos e dos métodos de ensino aplicados durante esse processo, corroborando a literatura específica (MODOLO; MENEZES, 2019; SANTOS; MENEZES, 2019). Destaca-se a importância de se considerar a opinião dos treinadores³ como uma forma de estimular o desenvolvimento científico e melhorar os processos de ensino-aprendizagem, fato este que é apontado como uma lacuna na literatura específica do handebol, especialmente sobre o goleiro (MODOLO; BELTRAMINI; MENEZES, 2018).

² Jogo Deliberado: faz referência à prática esportiva com o objetivo de diversão, intrinsecamente motivantes e com gratificação imediata criadas e organizadas pelas próprias crianças; Prática Deliberada apresenta-se como atividades mais estruturadas, com maior sistematização, com regras explícitas, sem recompensas imediatas e que objetiva a melhoria do desempenho, organizada pelos adultos; Play Practice: são atividades propostas por adultos que visam o ensino dos objetivos do jogo por meio de atividades motivantes e divertidas (CÔTÉ *et al.*, 2013).

³ Serão utilizados neste estudo os termos treinador(es), jogador(es) e goleiro(s) no gênero masculino como convenção para a redação, porém sem deixar de valorizar as inúmeras mulheres que também desempenham essas funções com extrema valia.

Partindo das diversas situações decorrentes das interações entre os jogadores no handebol e que influenciam diretamente a atuação do goleiro, os arremessos constituem-se como uma das principais ações às quais os goleiros têm que responder. No handebol existem diferentes tipos de arremesso que são permeados por variáveis como as distâncias em relação ao gol, as regiões da quadra e os postos específicos. Dessa forma, a tomada de decisão do goleiro é requerida em um contexto complexo, imprevisível e demanda diferentes respostas para cada situação de jogo ao qual ele pode ser confrontado (LOFREDO; GRECO, 2002). Pautando-se no cenário apresentado anteriormente, o objetivo deste estudo foi identificar as características e ações do goleiro de handebol diante de diferentes distâncias de arremesso, a partir da opinião de treinadores brasileiros da categoria sub-16.

MÉTODO

TIPO DE PESQUISA

A opção pela abordagem qualitativa pautou-se não apenas na representatividade numérica de dados, mas na busca pela compreensão e atribuição de significados de um determinado grupo, organização ou fenômeno social sobre dado assunto (FLICK, 2009).

PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 19 treinadores da categoria sub-16, de equipes do sexo masculino e/ou feminino e que participaram de competições organizadas por duas ligas de handebol do Estado de São Paulo em 2016. O critério para a escolha dessas competições e dos treinadores foi por representarem duas regiões distintas dentro do estado, nas quais buscou-se a possibilidade de retratar o cenário da formação esportiva do handebol no âmbito regional e também pela proximidade entre os pesquisadores e os treinadores.

Este estudo foi submetido e aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa institucional, no qual, todos os treinadores assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, explicando os objetivos e procedimentos do estudo e garantindo o sigilo das informações. As características dos treinadores entrevistados estão apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 - Características dos treinadores entrevistados

Treinador	Idade	Tempo como treinador de Handebol (anos)	Atuação no Handebol Escolar	Outra Função Profissional	Pós-Graduação
S1	54	30	Não	Sim	Não
S2	43	21	Sim	Sim	Sim ¹
S3	32	4	Sim	Não	Não
S4	35	13	Sim	Sim	Não
S5	45	21	Sim	Não	Sim ¹
S6	48	17	Sim	Não	Sim ¹
S7	31	12	Não	Sim	Sim ^{1,2}
S8	43	21	Sim	Sim	Não
S9	55	24	Não	Não	Sim ¹
S10	34	14	Sim	Sim	Sim ³
S11	34	14	Sim	Sim	Não
S12	37	7	Sim	Não	Sim ³
S13	44	19	Não	Não	Sim ¹
S14	44	16	Não	Sim	Não
S15	48	26	Sim	Sim	Não
S16	53	22	Sim	Não	Sim ¹
S17	36	15	Sim	Sim	Não
S18	30	1,5	Não	Sim	Não
S19	30	4	Sim	Sim	Sim ^{1,3}

¹ Pós-graduação *lato sensu* em Handebol

² Mestrado (*stricto sensu*) em Saúde

³ Pós-graduação *lato sensu* em áreas correlatas

Todos os entrevistados são graduados em Educação Física (Licenciatura Plena, Bacharelado e/ou Licenciatura) e possuíam uma média de idade de 40,8 anos ($\pm 8,3$; mín:30; máx:55). Os participantes possuíam tempo médio de atuação profissional com o handebol de 15,9 anos ($\pm 7,8$; mín:1,5; máx:30), em diferentes categorias e contextos (escolar, clubes e equipes competitivas). Destaca-se que um dos treinadores entrevistados desenvolvia o trabalho exclusivo com o treinamento dos goleiros em uma das equipes, o que não foi verificado em outras equipes.

Dentre os 19 treinadores entrevistados (13 do sexo masculino e seis do sexo feminino), 13 dirigiram/dirigem equipes de handebol no contexto escolar, sendo que alguns desses iniciaram a sua carreira nesse contexto, seja nas aulas de

Educação Física ou por meio de projetos de iniciação esportiva. Contudo, os participantes apresentaram heterogeneidade em relação à instituição que subsidia cada equipe, sendo 11 equipes fomentadas apenas por prefeituras municipais, cinco equipes que fundaram próprio clube (e mantêm parcerias com a prefeitura municipal), uma equipe subsidiada integralmente por um clube sócio-esportivo e uma equipe escolar que mantém equipes de treinamento do handebol. Além disso, 12 treinadores disseram que, na época das entrevistas, exerciam outra função profissional para além da função de treinador de handebol da categoria sub-16 (sendo que apenas um desses tinha atividade profissional fora da área de Educação Física), o que não os possibilitava dedicarem-se integralmente às atividades com as equipes.

INSTRUMENTO DE ENTREVISTA

Optou-se pela utilização da entrevista semiestruturada como instrumento da pesquisa qualitativa, por permitir a expressão do pensamento dos participantes sobre a temática de forma mais aprofundada. Esse tipo de entrevista baseia-se em um roteiro pré-definido de questões abertas que servem como uma diretriz ao objetivo da pesquisa (FLICK, 2009; MARCONI; LAKATOS, 2012; THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

O participante é livre para responder às perguntas de acordo com o seu entendimento, enquanto o entrevistador pode realizar perguntas complementares para aprofundar na temática específica (FLICK, 2009; MARCONI; LAKATOS, 2012; THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012). A entrevista semiestruturada pode ser considerada como um instrumento crucial para o processo de desvendar as especificidades inerentes ao contexto de cada esporte (GÓMEZ-MILLÁN; ESQUIVA, 2017).

Como a intenção deste estudo foi de identificar as características técnico-táticas a serem desenvolvidas nos goleiros da categoria sub-16 do handebol na opinião de treinadores, o instrumento de entrevista utilizado neste estudo foi adaptado a partir da proposta apresentada por (MENEZES, 2011) e foi dividido em dois blocos, assim constituídos: 1) dados pessoais, formação acadêmica e atuação profissional (para aquecimento do entrevistado e caracterização dos participantes); 2) quais são as ações que o goleiro de handebol deve realizar a partir de arremessos de longa distância ($\geq 9m$) até os de curta distância ($\leq 6m$).

PROCEDIMENTOS PARA AS ENTREVISTAS

Os procedimentos para a realização das entrevistas foram pautados na proposta de (TRIVIÑOS, 1987) e que foram utilizados por outros estudos com entrevistas semi-estruturadas e com o handebol (MODOLO; MENEZES, 2019), sendo apresentados em ordem cronológica: 1) definição dos critérios para inclusão dos participantes; 2) contato inicial via e-mail, telefone ou redes sociais para

apresentação do estudo; 3) agendamento da entrevista em momento que não concorresse com a atividade profissional do treinador, garantindo a atenção exclusiva para a entrevista; 4) entrevista (gravada na íntegra) e anotações de pontos relevantes; 5) transcrição da entrevista.

Pautando-se nas necessidades e disponibilidades dos treinadores, bem como nas limitações financeiras para a realização das entrevistas (altos custos de deslocamentos, estadia e alimentação, pelo fato de os treinadores residirem em regiões distantes do Estado de São Paulo), essas foram realizadas em três condições distintas: pessoalmente (*in loco* - modo preferencial para produção dos dados), via Skype (caso não fosse possível o contato pessoal) e, em último caso, via aplicativo WhatsApp (quando ambas as alternativas anteriores não foram possíveis). Os procedimentos específicos para cada caso estão apresentados abaixo:

- Entrevistas *in loco* (n=5): realizadas em locais sem ruídos externos que comprometessem a resposta do participante, seja em relação à gravação ou à sua atenção. A entrevista foi gravada na íntegra por meio de um gravador de voz no celular do pesquisador;
- Entrevistas via Skype (n=3): realizadas por meio de uma chamada de vídeo ao vivo, sendo arquivadas por meio de um *plug-in* de gravação da chamada online. Como desvantagem dessa possibilidade destaca-se os eventuais problemas relacionados à conexão com a internet, que em algumas situações promoveu cortes no áudio/vídeo e levou à repetição da pergunta e/ou da resposta;
- Entrevistas via WhatsApp (n=11): caso o treinador não possuísse ou não tivesse afinidade com o Skype, foi sugerida a realização da entrevista pelo aplicativo WhatsApp, por meio da função de gravação de áudios. Nesta condição, foi gravado o áudio com a pergunta e o treinador poderia responder em momento oportuno a partir de mensagem de áudio. Uma possível desvantagem desta opção seria a possibilidade de o entrevistado abandonar a entrevista e não responder mais, contudo, não houve esse problema neste estudo. Para facilitar a organização dos áudios para posterior transcrição dos mesmos, cada áudio era marcado como “pergunta” e “resposta”.

Os arquivos de áudio contendo gravação das entrevistas, independentemente da sua forma (*in loco*, via Skype ou WhatsApp), foram armazenados em nuvem on-line (Google Drive) por proporcionar o acesso pelos pesquisadores a partir de qualquer dispositivo.

Após a finalização da entrevista, o pesquisador procedeu à sua transcrição, geralmente iniciando-a no mesmo dia pelo fato de o discurso ainda estar latente

(OLIVER; SEROVICH; MASON, 2005) juntamente com as anotações realizadas. Ao serem completadas, as transcrições foram enviadas aos treinadores como forma de validar seu conteúdo e garantir a sua confiabilidade.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Para a análise das entrevistas optou-se pelo método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que consiste em tabular, analisar e interpretar, de forma qualitativa, os discursos provenientes das entrevistas (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2012) o DSC é fundamentado na Teoria das Representações Sociais, que busca identificar as ideias socialmente compartilhadas em um determinado grupo, bem como as relações entre sujeito e objeto para a construção do conhecimento (CRUSOÉ, 2004).

O DSC baseia-se na ideia de considerar a discursividade, que é característica do pensamento coletivo, em todos os momentos da pesquisa, desde a elaboração do instrumento de entrevista até o momento de apresentação dos resultados (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2012). Para isso, esse método baseia-se principalmente em três figuras metodológicas: a) expressões-chave (ECH: trechos literais do discurso que revelam a sua essência); b) ideias centrais (IC: expressões que descrevem sucinta, precisa e fidedignamente o significado dos discursos analisados e de cada grupo de ECH); e c) o próprio DSC ("discurso-síntese" na primeira pessoa do singular que representa o pensamento de uma determinada comunidade sobre um determinado tema, a partir do agrupamento das diferentes ECH com a mesma IC) (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2012).

Foi realizada a concordância consensual por dois pesquisadores dos DSC elaborados como forma de controle da qualidade dos dados (ANGUERA; HERNÁNDEZ-MENDO, 2013; WRIGHT; CARLING; LAWLOR; COLLINS, 2016). Aponta-se, ainda, que cada IC sintetiza a temática central abordada por cada DSC, assim como proposto em outros estudos com treinadores de handebol (MENEZES; MARQUES; MORATO, 2016; MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2015, 2017).

Destaca-se que o objetivo não foi a busca por variáveis quantificáveis, mas revelar os pensamentos dos treinadores sobre as ações que os goleiros devem realizar diante de arremessos de longa distância ($\geq 9m$) e curta distância ($\leq 6m$) na categoria sub-16.

Este projeto de pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram avaliados e aprovados pelo Comitê de Ética da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EEFERP-USP) sob o parecer n. 953.242 (CAAE: 39796814.8.0000.5659). Todos os participantes deste estudo assinaram o TCLE.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo foi o de identificar as ações e características do goleiro de handebol diante de diferentes distâncias de arremesso na categoria sub-16. Para contemplar o objetivo proposto, os resultados encontrados foram discutidos considerando as características dessa categoria no contexto brasileiro a partir da proposta do DMSP (CÔTÈ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÈ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013), a qual se encontra entre as etapas de especialização (13 a 15 anos) e investimento (a partir de 16 anos), tendo como premissa o equilíbrio entre os conceitos de prática deliberada, jogo deliberado e prática do jogo (CÔTÈ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÈ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013). No contexto brasileiro, essa categoria é indicada para o início do processo de especialização como goleiro de handebol (SANTOS; MENEZES, 2019; 2020).

A partir da análise das entrevistas foram elaborados quatro DSC: DSC1 (identificar características técnico-táticas - arremessos 9m); DSC2 (colaboração goleiro-defensores - arremessos 9m); DSC3 (identificar características técnico-táticas - arremessos 6m); DSC4 (ações para diminuir o espaço do atacante - arremessos 6m).

Apesar das diferentes distâncias de arremesso, percebeu-se que os treinadores apontam como importante a capacidade do goleiro de identificar as características técnico-táticas dos atacantes, independentemente da distância em relação ao gol (9m ou 6m). Diante desse contexto optou-se pela discussão conjunta do DSC1 e do DSC3.

As principais características apontadas pelos DSC1 e DSC3 são a identificação do braço de arremesso, as chamadas “bolas de segurança” de cada atacante, o gestual corporal do atacante no momento da finalização e as suas trajetórias antes de arremessar ao gol. Apesar de comuns, estas características resguardam a sua especificidade de acordo com cada situação, como apresentado nos seguintes trechos do DSC1 e do DSC3:

DSC1: “[...] Peço para os goleiros analisarem os atacantes^{S6;S8} para definir, por exemplo, quem arremessa mais fraco ou mais forte e qual a zona do gol que sofre mais arremessos^{S6;S17}, assim eles vão conseguir antecipar para fazer a defesa^{S6}. O goleiro tem que trabalhar principalmente a observação, a leitura do braço de arremesso^{S1;S4;S6;S7;S8;S11;S13;S14;S15;S17;S18;S19}, a distância^{S19}, a velocidade^{S13} e as trajetórias dos atacantes quando vão arremessar^{S2;S4;S6;S10;S12;S13;S17} para identificar o momento em que vai ocorrer o arremesso e se colocar em uma posição favorável para a defesa^{S2;S14} [...]”

DSC3: “[...] O goleiro nessa categoria precisa ter uma boa leitura do braço de arremesso^{S2;S3;S6;S11;S13;S14;S15;S16;S18;S19}, pois normalmente nas categorias de base, o recurso de finalização ainda é pequeno, e quando o posicionamento do braço é para baixo é

maior a chance do jogador finalizar em posições baixas^{S13;S14}, ou um pivô que é mais forte ou que tem uma bola mais colocada^{S12}. Ter atenção ao gestual técnico do atacante durante o arremesso, se ele salta mais em profundidade ou na vertical^{S13;S17}, o posicionamento de quadril e tronco^{S11;S19}, a sua velocidade^{S11} e a sua empunhadura^{S18}. Outro aspecto importante é a leitura das trajetórias dos atacantes no momento do arremesso^{S7;S10} [...]”

As características apontadas pelos treinadores têm por objetivo desenvolver a capacidade do goleiro de identificar estes “sinais” técnico-táticos que os atacantes executam, de forma que os próprios goleiros possam adequar o seu comportamento técnico-tático durante o jogo. Essa capacidade de adequação das ações do goleiro em jogo, é de fato, uma das capacidades mais valorizadas pelos treinadores entrevistados, em ambas as distâncias de arremesso (9m e 6m). Mais do que apontar se o braço de arremesso ou a trajetória do atacante são determinantes para indicar como o goleiro deve agir, os discursos demonstraram que os treinadores valorizam o desenvolvimento dos aspectos relacionados as capacidades cognitivas e de tomada decisão, popularmente conhecida na “linguagem de quadra” como “leitura do arremesso” (MATIAS; GRECO, 2010).

A capacidade de ler os sinais que demonstram a intenção do atacante para o arremesso é um aspecto relacionado com o bom desempenho do goleiro (MODOLO; MENEZES, 2019). Essa capacidade de tomada de decisão, apontada como a principal característica tática a ser desenvolvida com os goleiros em formação (MODOLO; MENEZES, 2019), baseia-se em um processo influenciado pelas capacidades de perceber os sinais relevantes da situação de jogo, de focalizar a atenção nos estímulos mais determinantes, de relembrar experiências similares que foram vivenciadas e de antecipar a escolha de uma ação a ser executada pelo goleiro, de forma a responder rapidamente a ação do atacante, uma vez que o jogo de handebol tem ficado mais rápido, seja no número de ações executadas ou na velocidade com que elas ocorrem dentro do jogo (ESPINA-AGULLO *et al.*, 2016). Além disso, é importante estimular a capacidade de leitura ao longo do processo de formação, pois esta pode melhorar de acordo com a experiência do goleiro (ESPINA-AGULLO *et al.*, 2016; SÁ *et al.*, 2015).

Diante deste panorama, o bom desenvolvimento das capacidades cognitivas relacionadas à tomada de decisão pode habilitar o goleiro a se posicionar de forma mais vantajosa para fazer a defesa, como pode ocorrer ao identificar a provável zona do gol na qual será direcionado o arremesso - baixo, meia altura, em cima, direita, esquerda (ANTÚNEZ MEDINA, 2003). A identificação poderá ocorrer pela observação do gestual técnico do atacante e permite que o goleiro antecipe o seu posicionamento momentos antes do arremesso, seja para os arremessos de longa (9m) ou curta distância (6m), de acordo com os DSC1 e DSC3.

Porém é preciso um bom nível de desenvolvimento dessas capacidades cognitivas, uma vez que a ação do goleiro não deve ser muito antecipada, pelo fato de o atacante também contar com a sua capacidade de retificação do

arremesso (ALBERTO; FIGUEIREDO; APOLINÁRIO-SOUZA, 2016). Os processos cognitivos que levam à tomada de decisão do goleiro – e dos demais jogadores – estão constantemente identificando e processando informações sobre a situação de jogo para adequar a sua ação final (MATIAS; GRECO, 2010). Mas é preciso ressaltar que esses processos devem ser treinados para que o goleiro aprenda a identificar tais sinais mais rapidamente e definir melhor a sua resposta, considerando características como o local em que a bola é arremessada, por qual jogador e o momento em que ocorre, evitando assim que sua antecipação ocorra sem a leitura da situação (MODOLO; MENEZES, 2019). Este aspecto é destacado no seguinte trecho do DSC1: “[...]Deve tomar cuidado para não antecipar muito, não tentar adivinhar^{S8}, pois o atacante pode retificar o arremesso e tirar o goleiro da situação de defesa^{S15} [...]” e apesar do DSC3 salientar que “[...] normalmente nas categorias de base, o recurso de finalização ainda é pequeno [...]”, o handebol é de característica imprevisível e, assim, se o goleiro age de maneira muito antecipada e sem fazer a leitura da situação de jogo, o atacante pode variar os seus gestos técnicos (como por meio de um duplo ritmo trifásico ou pela variação do tipo de arremesso - em apoio ou em suspensão) (GRECO; NEVES; MATIAS, 2002).

Outro aspecto percorrido pelos DSC1 e DSC3 se referiu à capacidade do goleiro de identificar e se posicionar de acordo com as trajetórias dos atacantes até o momento do arremesso. As trajetórias, que se constituem como meio técnico-tático ofensivo individual (MENEZES, 2011), se referem à forma como os atacantes se movimentam dentro da quadra quando estão buscando o arremesso ao gol. Essas trajetórias podem ser realizadas em direção às zonas centrais ou laterais da defesa, com intuito de criar uma situação favorável para arremessar a gol (MODOLO; MENEZES, 2019).

O DSC3 aponta que é importante para os goleiros que estes façam a leitura e acompanhem a trajetória do atacante para diminuir os ângulos possíveis de arremesso por meio da antecipação do seu posicionamento para a defesa. O DSC1 aponta a importância de antecipar “[...]o momento em que vai ocorrer o arremesso e se colocar em uma posição favorável para a defesa^{S2;S14}, trabalhando com as situações de ângulo longo e ângulo curto^{S2;S4;S9;S10} que definem aproximadamente 70% da direção dos arremessos^{S10}[...]”. Ou seja, se a trajetória do atacante é em direção a lateral da quadra o goleiro deve se movimentar na mesma direção, buscando manter a sua posição-base, na qual uma das premissas é se posicionar entre a bola e o gol (MODOLO; MENEZES, 2019). Dessa forma, o goleiro pode se utilizar da leitura desta trajetória para antecipar o seu posicionamento e facilitar a sua tomada de decisão, aumentando as chances de sucesso (MODOLO; MENEZES, 2019).

Sobre o posicionamento para realizar a defesa, há duas possíveis diretrizes para os goleiros diante dos arremessos de 9m e uma diretriz para os arremessos de 6m. No início do DSC1 é apontado que o goleiro deve se posicionar mais à

frente para diminuir o ângulo de arremesso do atacante, assim como também é apontado pelo DSC3. Contudo, no final do DSC1 é salientada a necessidade do goleiro se posicionar mais próximo do gol para ter mais tempo para reagir diante de um potente arremesso executado, corroborando Espina-Agullo *et al.* (2016).

Assim, especialmente para os arremessos de 9m, os treinadores apontam para diretrizes opostas em relação ao posicionamento do goleiro. Nossa hipótese para explicar essa situação, é de que os treinadores passam por um processo de formação profissional único/individual, possuem jogadores com características diferentes e por isso optam por diretrizes diferentes para treinar seus jogadores, além das preferências sobre o desenvolvimento dessa característica com seus jogadores. Considerando a categoria sub-16 como a fase onde inicia-se o processo de especialização do goleiro de handebol (SANTOS; MENEZES, 2019, 2020), ambas as diretrizes são válidas ao longo do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que permite ao goleiro vivenciar diferentes experiências para aprimorar a sua tomada de decisão em relação ao posicionamento a ser adotado de acordo com a situação de jogo (posicionamento mais avançado vs. posicionamento mais próximo do gol).

Para além da distância da bola em relação ao gol, o DSC1 e o DSC3 apontam a necessidade de o goleiro desenvolver a noção de divisão do gol em ângulos longos e curtos para se posicionar mediante o braço de arremesso e o gestual técnico empregado pelo atacante. O goleiro deve priorizar o seu posicionamento dentro da bissetriz formada pelo braço de arremesso e os dois lados do gol, o "dividindo" em ângulos curto (mais próximo ao local de onde o atacante está arremessando) e longo (mais distante ao local de onde o atacante está arremessando) para a finalização, sendo que este último muitas vezes é preferido pelos atacantes por ser o maior ângulo de arremesso (ARIAS ESTERO, 2009).

Essa capacidade de se posicionar de acordo com os ângulos de arremesso, deve ser treinada em diferentes situações, como a variação do local da quadra e dos postos específicos. Especificamente para os arremessos dos pontas mantém-se o princípio de se posicionar de frente para o atacante, mas com especial atenção ao braço de arremesso (ARIAS ESTERO, 2009). Isso ocorre devido à maior efetividade do goleiro em arremessos de 6m executados nas zonas laterais do que na zona central da quadra (ESPINA-AGULLO *et al.*, 2016), pois os ângulos de arremesso tornam-se menores para o atacante, facilitando a leitura e o posicionamento do goleiro. Já para os arremessos nas zonas centrais da quadra, é preciso prestar atenção ao posicionamento do tronco do jogador adversário, procurar estar sempre entre o jogador e a sua linha de ação (ARIAS ESTERO, 2009) as trajetórias e também o braço de arremesso do atacante (MODOLO; MENEZES, 2019), o que corrobora os DSC1 e DSC3.

A partir da discussão dos DSC1 e DSC3 foi possível identificar, num primeiro momento, que os treinadores valorizaram o desenvolvimento das capacidades

cognitivas relacionadas à tomada de decisão do goleiro, por meio da identificação das características técnicas-táticas dos atacantes e da adequação do comportamento do goleiro a cada situação de jogo. Num segundo momento, foram identificados e discutidos aspectos como a colaboração entre goleiro e defesa (DSC2) e as possíveis ações do goleiro para diminuir o ângulo de arremesso do atacante (DSC4).

O DSC2 aponta a importância para o goleiro diante de arremessos de 9m de realizar um trabalho colaborativo com os seus defensores para aumentar as suas chances de defesa.

DSC2: Outro aspecto importante que o goleiro deve observar é o trabalho do bloqueio defensivo^{S3;S9;S10}, no qual o goleiro observa onde a defesa está posicionada em relação ao arremesso e se posiciona fechando o espaço que a defesa não está cobrindo, por exemplo: se a defesa está fechando o ângulo curto, o goleiro deve se posicionar no ângulo longo^{S3;S9;S10}. Esse trabalho colaborativo entre goleiro e defesa vai depender do scouting do atacante que está arremessando^{S10}.

De acordo com o DSC2, o goleiro deve observar o posicionamento dos defensores para que esse possa cobrir o espaço que não está sendo ocupado pelos seus colegas de equipe. Dessa forma, cria-se uma divisão de responsabilidades, induzindo os atacantes a finalizar das zonas laterais ou menos favoráveis da quadra (MENEZES, 2011) ou ainda finalizar na única zona possível do gol, a qual o goleiro já está preparado para antecipar a defesa. Ressalta-se aqui que os treinadores entrevistados apontaram a importância de ações do goleiro face ao comportamento dos defensores durante o jogo, de forma que a decisão do goleiro pudesse ser tomada mais rapidamente e de maneira sincronizada com os defensores, uma vez que haveria essa divisão de responsabilidades.

Como apontado na seção anterior pelo DSC1 e pelo DSC3, as trajetórias dos atacantes são um dos aspectos que os goleiros devem ter atenção para adequar o seu posicionamento em relação aos ângulos longo e curto de arremesso. Dessa forma, uma vez que o goleiro verifica a ação dos seus companheiros (defensores), esse já pode começar a preparar o seu posicionamento e aguardar a definição da trajetória do atacante. Essa ação colaborativa parte da premissa de limitar as possíveis opções de arremesso do atacante, o que seria vantajoso para o goleiro (SOUSA, PRUDENTE, SEQUEIRA, LÓPEZ-LÓPEZ, HERNÁNDEZ-MENDO, 2015) e possivelmente aumentaria a eficácia defensiva.

Salienta-se que apesar de não ser apontado diretamente pelos treinadores do DSC2, o trabalho colaborativo com a defesa também pode ser considerado como uma característica importante para os arremessos de 6m. Tal contexto também se refere à categoria sub-16, por ser uma das características que os goleiros jovens conseguem utilizar para antecipar o arremesso (SÁ *et al.*, 2007). Neste cenário, como o arremesso está bem mais próximo do gol e do goleiro, ser

capaz de limitar as opções do atacante torna-se ainda mais importante para aumentar as chances de defesa do goleiro.

Com o objetivo de limitar cada vez mais as ações dos atacantes, além da colaboração entre goleiro e defesa apontada pelo DSC2, os treinadores apontam no DSC4 a importância de o goleiro desenvolver técnicas específicas e realizar ações que possam diminuir os ângulos de arremesso do atacante. Tais ações objetivam limitar as possibilidades de ação do atacante e induzi-lo a arremessar de condições mais desfavoráveis e de menor precisão, que pode diminuir as chances de gol e aumentar as chances de defesa.

DSC4: No arremesso de 6m o goleiro deve sempre avançar e diminuir a distância para o atacante que está arremessando^{S1;S2;S4;S6;S9;S10;S14}, diminuindo os ângulos de arremesso^{S4} e aumentando a dificuldade para a finalização^{S9}. A saída em "X" eu costumo utilizar com meus goleiros^{S1;S2;S9} para arremessos cara-a-cara^{S9}. Pode ser em "Y" também - com uma perna no chão - e mais duas ou três saídas diferentes para cada tipo de arremesso de 6m, de pivô, pontas ou contra-ataques^{S2}. O goleiro precisa ter essa explosão para fazer a defesa^{S1;S10;14}, já que o adversário está bem mais próximo dele^{S14}. Isso pode ser feito tanto para defender a bola ou para tentar induzir o atacante a um arremesso de vaselina mal-sucedido^{S10}. Cobro dos goleiros que não mecanizem os movimentos; por exemplo: arremesso de pivô com giro e salto é para variar as estratégias - se ele sai, talvez provoque um erro de tentativa de vaselina, se arremessa rápido e ele ocupa espaço, essa bola acaba batendo nele, diminuindo o ângulo do atacante^{S5}.

Como apontado anteriormente, o goleiro deve ser capaz de dividir o gol em ângulos longo e curto para definir o seu posicionamento. Esses ângulos podem variar de acordo com a distância entre o goleiro e o atacante que está arremessando em diferentes situações, como arremessos de longa distância ou de infiltração dos armadores, arremessos dos pontas ou dos pivôs e arremessos de contra-ataque. Nessas situações pode haver a influência das especificidades da região da quadra de onde o arremesso é realizado e a forma como cada jogador atua no seu posto específico.

Assim, se o goleiro for capaz de avançar o seu posicionamento antes de um pivô se posicionar para finalizar (que geralmente atua de costas ou de lado para o gol), pode conseguir uma vantagem defensiva ao diminuir as possibilidades de arremesso do pivô (por limitar a sua visualização do gol após o giro) e aumentar as chances de eficácia do goleiro (LOFFING; HAGEMANN, 2014). Outro ponto que reforçar a opinião dos treinadores no DSC4 é a maior efetividade dos goleiros em arremessos de zonas laterais da quadra (ESPINA-AGULLO *et al.*, 2016), seja para arremessos de longa distância ou de curta distância, como também apontado pelos DSC1 e DSC3.

A partir da ideia de diminuir os ângulos de arremesso dos atacantes, o DSC4 aponta que a ação técnica que os treinadores mais valorizam é a “saída em X” dos goleiros, que consiste em avançar o posicionamento rapidamente e saltar com as pernas e os braços abertos lembrando a figura de um “X” para tentar ocupar o maior espaço possível do gol. No entanto, o próprio DSC4 salienta que há muitas variações dessas possíveis “saídas” para diminuir os ângulos dos atacantes, especificamente nos arremessos de curta distância (6m). A técnica a ser utilizada vai depender do repertório motor e técnico do goleiro e de como o treinador o prepara para decidir qual a melhor ação técnica a ser realizada, considerando as diferentes possibilidades de arremesso dos 6m.

Contudo, mais importante do que a ação técnica em si, é a capacidade do goleiro de “ler o atacante” e antecipar o seu posicionamento (ALBERTO; FIGUEIREDO; APOLINÁRIO-SOUZA, 2016; LOFFING; HAGEMANN, 2014), limitando as ações do atacante, como apontado no seguinte trecho do DSC4: “[...] *O goleiro precisa ter essa explosão para fazer a defesa^{S1;S10;14}, já que o adversário está bem mais próximo dele^{S14}. Isso pode ser feito tanto para defender a bola ou para tentar induzir o atacante a um arremesso de vaselina mal-sucedido^{S10}[...]*”. Assim, o goleiro tem mais chances de reagir rapidamente às ações do atacante e reduzir suas possibilidades do arremesso, principalmente por ter se posicionamento antecipadamente, independentemente da ação técnico-tática a ser realizada (saída em “X”, em “Y”, avançando e voltando o posicionamento, entre outros).

Devido à complexidade dessas capacidades (MATIAS; GRECO, 2010) a antecipação do posicionamento e as possíveis técnicas de defesa devem ser treinadas constantemente, uma vez que se o goleiro se antecipar ou atrasar em demasia para se posicionar, sem a devida “leitura” dos sinais que o atacante demonstrar, esse pode permitir que o atacante retifique o arremesso e diminua as chances de defesa pelo goleiro (ALBERTO; FIGUEIREDO; APOLINÁRIO-SOUZA, 2016) como apontado também nos DSC1 e DSC3.

Diante da importância das técnicas específicas do goleiro para diminuir os ângulos de arremesso, a última frase do DSC4 aponta uma preocupação relacionada com estas técnicas. O referido trecho revelou que as técnicas podem ser variadas, mas que devem ser executadas a partir da “leitura” do goleiro diante da situação de jogo, para evitar que ele apenas mecanize o gesto. É importante destacar a crítica realizada sobre a mecanização do gesto técnico, apontando como um desafio que deve ser enfrentado na formação dos goleiros, uma vez que pode prejudicar o seu desempenho ao executar a técnica descontextualizada da situação de jogo, o que vai de encontro à resolução do problema ora apresentado (PASCUAL FUERTES; PEÑA BARCELÓ, 2006).

De acordo com Greco e Benda (2002) a formação do goleiro de handebol deve pautar-se na multiplicidade de experiências motoras e cognitivas,

estimulando sua adaptabilidade na execução das técnicas de defesa e em sua capacidade de tomada de decisão frente às situações do jogo. No entanto, para oferecer essa multiplicidade de experiências ao jovem que se mostra predisposto a se especializar como goleiro de handebol, é preciso dar tempo e estímulos suficientes para que possa se desenvolver tanto no âmbito técnico-tático, como socioafetivo.

Nesse sentido, o processo de ensino-aprendizagem deve ser pautado em um ambiente diversificado especialmente até a categoria sub-14, etapa esta denominada de “diversificação” no DMSP (CÔTÈ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Nesse modelo são descritas três possíveis carreiras esportivas: 1) participação recreacional por meio de diversificação; 2) performance de elite por meio da diversificação; 3) especialização esportiva precoce (CÔTÈ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÈ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013). Considerando as categorias anteriores à sub-16 o processo de ensino-aprendizagem deve priorizar uma formação generalista dos jogadores (EHRET *et al.*, 2002), sem necessariamente especializar por postos específicos. Tal especialização não condiz com as premissas para as categorias sub-12 e sub-14, e foi criticada por autores que se debruçaram no processo de ensino-aprendizagem do handebol (ANTÓN GARCÍA, 1990; EHRET *et al.*, 2002; GRECO; SILVA; GRECO, 2012; MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2015; MENEZES, 2018; MENEZES *et al.*, 2018).

No contexto dos treinadores de handebol do Estado de São Paulo entrevistados e pautando-se nas premissas do DMSP (CÔTÈ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÈ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013), os jogadores da categoria sub-16 apresentam características heterogêneas, principalmente em relação às experiências esportivas prévias ou mesmo no handebol, no qual muitos jogadores começam a sua trajetória esportiva nesta categoria (MENEZES, 2010). Ao assumir as etapas de formação propostas pelo DMSP, esta categoria seria caracterizada como uma transição entre as etapas de especialização (13 a 15 anos de idade) e de investimento (a partir de 15 anos). Nessas deveria haver um aumento gradual do tempo dedicado à prática deliberada e uma diminuição no tempo dedicado ao jogo deliberado, além de ter início um processo de escolha de uma modalidade (CÔTÈ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÈ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013) e dos postos específicos, como é o caso do handebol (GRECO; BENDA, 2002; SANTOS; MENEZES, 2019, 2020).

Todavia, a análise dos DSC revelou, ainda que de maneira discreta, um possível descompasso sobre as etapas do processo de formação esportiva pelos treinadores, quando comparadas à proposta do DMSP. Mesmo diante de um contexto heterogêneo, os treinadores apontaram características específicas do goleiro de handebol relacionadas, possivelmente, à etapa de investimento, pois partem do pressuposto de um conhecimento necessário sobre o jogo pelos jogadores (muitos dos quais recém engajados no handebol). Assim, entende-se que de acordo com a declaração dos treinadores por meio dos DSC, esses

desenvolvem o seu trabalho com os jogadores sub-16 a partir de características provenientes de uma etapa de formação esportiva provavelmente mais adiantada do que as características de seus jogadores. Apesar deste panorama, não é possível afirmar se o “como” os treinadores desenvolvem essas ações respeitam os conceitos de jogo deliberado, prática deliberada e prática do jogo, de acordo com a demanda e caracterização da etapa de especialização (CÔTÈ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013), sendo essa uma limitação deste estudo.

A ideia do processo de ensino-aprendizagem deve ser a de possibilitar ao goleiro uma compreensão sobre o jogo de maneira paulatina ao longo das categorias. Aspectos como o entendimento das regras e o domínio de características técnico-táticas específicas (MODOLO; MENEZES, 2019), por exemplo, devem ser explorados a partir de contextos que estimulem a interação entre diferentes capacidades cognitivas (MATIAS; GRECO, 2010) e evitem uma mecanização de gestos técnicos sem a devida “leitura” da situação de jogo (PASCUAL FUERTES; PEÑA BARCELÓ, 2006; MODOLO; MENEZES, 2019). Entretanto, para atingir esse nível de desempenho no jogo e no posto específico em questão há uma importante demanda de tempo, principalmente pautada no entendimento do goleiro sobre suas possibilidades e sobre o próprio contexto no qual está inserido. A categoria sub-16, no contexto brasileiro é apresentada como sendo a ideal para especializar os jogadores como goleiro de handebol (GRECO; BENDA, 2002), corroborando a opinião dos treinadores (SANTOS; MENEZES, 2019, 2020), devido às características que devem ser mais desenvolvidas nesta faixa etária, como uma especialização dos gestos técnicos do posto e do aprofundamento das capacidades de tomada de decisão do goleiro em jogo (SANTOS; MENEZES, 2019). No entanto, para atender aos conceitos discutidos ao longo deste estudo é necessário superar o paradigma tecnocrático de ensino, em direção à formação de jogadores que possam construir seu conhecimento de maneira crítica e reflexiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contemplar o objetivo de identificar as ações do goleiro de handebol diante de diferentes distâncias de arremesso, a partir da opinião de treinadores da categoria sub-16, as considerações apontadas neste estudo contribuem para o enriquecimento da discussão sobre a formação do goleiro de handebol, por buscar uma aproximação com a opinião dos treinadores que vivenciam a prática e são agentes mediadores do processo de ensino-aprendizagem. Por se tratar de um estudo com a categoria sub-16, as considerações apontadas aqui podem ser objeto de reflexão para equipes de diferentes âmbitos competitivos, respeitando a individualidade dos jogadores e as características do contexto em que estão inseridos (escolas, clubes, secretarias municipais entre outros).

Considerando apenas os arremessos de longa ($\geq 9\text{m}$) e curta ($\leq 6\text{m}$) distâncias, executados durante o jogo (exceto tiros livres e tiros de 7m), percebeu-se que o goleiro deve ser capaz de realizar ações similares em ambas as situações de arremesso, nomeadamente por meio da identificação do gestual técnico-tático do adversário (braço de arremesso do atacante, postura corporal e trajetórias pré-arremesso). A identificação dessas características auxilia o goleiro a definir o seu posicionamento, a tomar uma decisão mais rápida sobre “como defender a bola” e limitar as possibilidades de ação dos atacantes.

O que difere as situações de arremessos dos 9m e dos 6m é justamente o mecanismo de percepção do goleiro das características supracitadas e como elas podem alterar as ações do próprio goleiro de acordo com a distância do arremesso. Isso significa que, em um arremesso de longa distância (9m), o goleiro pode optar por ficar mais próximo do gol para ter mais tempo de defesa. Contudo, em arremessos de curta distância (6m) o goleiro pode optar por avançar o seu posicionamento com o objetivo de diminuir os ângulos de arremesso do atacante, induzindo-o a um arremesso com maior chance de erro devido à pressão espaço-temporal.

Além da identificação do gestual técnico-tático dos atacantes, os treinadores apontaram também que é importante para o goleiro (e conseqüentemente para a toda a equipe) que haja um trabalho colaborativo com os defensores para dividir responsabilidades durante a fase defensiva, especialmente quando ocorre um arremesso. Espera-se que o goleiro, ao observar o posicionamento da defesa (que protege um dos lados possíveis de arremesso) ajuste o seu próprio posicionamento para cobrir o espaço que ainda se encontra livre para a finalização do atacante. A antecipação do seu posicionamento pode limitar as ações do adversário e aumentar suas chances de defesa. Contudo, é preciso que a sincronia entre as ações dos defensores e as decisões dos goleiros seja treinada e não deixada meramente ao acaso.

Apresentam-se como perspectivas futuras verificar se as diretrizes apontadas aqui para a categoria sub-16 podem ser extrapoladas para outras categorias, considerando suas características próprias. Outro ponto importante seria a necessidade de verificar se os aspectos apontados pelos treinadores são enfatizados na sua prática diária, analisando o “como” os treinadores tentam desenvolver essas características.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

REFERÊNCIAS

- ALBERTO, Pedro Drumond; FIGUEIREDO, Lucas Savassi; APOLINÁRIO-SOUZA, Tércio. Características Perceptomotoras do Goleiro de Handebol: uma revisão sistemática. *Revista Mineira de Educação Física*, Viçosa, v. 24, n. 3, p. 28-45, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/328682155>. Acesso em: 27 fev. 2020.
- ANGUERA, Maria Teresa; HERNÁNDEZ-MENDO, Antonio. Observational Methodology in Sport Sciences. *Revista de Ciencias del Deporte*, v. 9, n. 3, p. 135-160, 2013. Disponível em: <http://e-balonmano.com/ojs/index.php/revista/article/view/139>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- ANTÓN GARCÍA, Juan Lorenzo. *Balonmano: fundamentos y etapas de aprendizaje*. Madrid: Editorial Gymnos, 1990.
- ANTÚNEZ MEDINA, Antonio. *La interceptación en la portera de balonmano: efectos de un programa de entrenamiento perceptivo-motriz*. 2003. Tese (Doutorado). Universidad de Murcia, Espanha, 2003.
- ARIAS ESTERO, Jose Luis. El Portero de Balonmano. *Revista Internacional de Deportes Colectivos*, n. 4, 14-34. 2009.
- CÔTÉ, Jean; BAKER, Joe; ABERNETHY, Bruce. *Practice and play in the development of sport expertise*. In: Tenenbaum, G.; Eklund, R.C. *Handbook of Sport Psychology*. Hoboken: Wiley. 3, n. 8, p. 184-202, 2007.
- CÔTÉ, Jean; ERICKSON, Karl; ABERNETHY, Bruce. *Play and practice during childhood*. In: CÔTÉ, J.; LIDOR, R. (Eds.), *Conditions of children's talent development in sport*. Morgantown, WV: FIT, 2013. p. 9-20.
- CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. A Teoria das Representações Sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. *Aprender: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, v. 2, n. 2, p. 105-114, 2004.
- EHRET, Arno; SPÄTE, Dietrich; SCHUBERT, Renate; ROTH, Klaus. *Manual de handebol: treinamento de base para crianças e adolescentes*. São Paulo: Phorte Editora, 2002.
- ESPINA-AGULLO, Jose Julio; PEREZ-TURPIN, Jose Antonio; JIMENEZ-OLMEDO, Jose Mari; PENICHER-TOMÁS, Alfonso; PUEO, Basilio. Effectiveness of male handball goalkeepers: a historical overview 1982-2012. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 16, n. 1, p. 143-156, 2016.
- FLICK, Uwe. *Introdução à Pesquisa*. Porto Alegre: Artmed, 2009. Volume 3.
- GARGANTA, Julio. *O ensino dos jogos desportivos*. 3. ed. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos/Universidade do Porto, 1998.
- GRECO, Pablo Juan; BENDA, Rodolfo Novellino. *O Sistema de Formação e Treinamento Esportivo do Goleiro de Handebol*. In: GRECO, P. J. (Ed.), *Caderno do Goleiro de Handebol*. Belo Horizonte: Philippka Verlag Minster, 2002. p. 21-32.
- GRECO, Pablo Juan; NEVES, Luiz Antonio Ribeiros Soares das; MATIAS, Cristino Julio Alves da Silva. *Evolução Técnico-Tática do Rendimento do Goleiro de Handebol*. In: GRECO, P. J. (Ed.), *Caderno do Goleiro de Handebol*. 2. ed. Belo Horizonte: Philippka Verlag Minster, 2002. p. 53-70.
- GRECO, Pablo Juan; SILVA, Siomara Aparecida; GRECO, Fernando Lucas. *O sistema de formação e treinamento esportivo no handebol brasileiro (SFTE-HB)*. In: GRECO, P. J.;

FERNÁNDEZ ROMERO, J. J. (Eds.), *Manual de handebol: da iniciação ao alto nível*. São Paulo: Phorte, 2012. p. 235-250.

GÓMEZ-MILLAN, María Rocío Bohórquez; ESQUIVA, Irene Checa. Diseño y validez de contenido de una entrevista para evaluación psicológica de porteros de fútbol. *Revista de Psicología Aplicada al Deporte y al Ejercicio Físico*, v. 1, n. 3, p. 1-12. (2017). Disponível em: www.doi.org/10.5093/rpadef2017a3.

KARPAN, Grega; SKOF, Branko; BON, Marta; SIBILA, Marko. Analysis of female handball players' effort in different playing positions during official matches. *Kinesiology*, v. 47, p. 100-107, 2015.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. *Pesquisa de representação social: um enfoque qualitativo*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

LOFFING, Florian; HAGEMANN, Norbert. Skill differences in visual anticipation of type of throw in team-handball penalties. *Psychology of Sport and Exercise*, v. 15, n. 3, p. 260-267, 2014.

LOFREDO, Marisa; GRECO, Pablo Juan. Capacidade Técnica: posições básicas de defesa da bola. In: GRECO, Pablo Juan. (Ed.), *Caderno do Goleiro de Handebol*. Belo Horizonte: Philippka Verlag Minster, 2002. p. 36-46

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do Trabalho Científico*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MATIAS, Cristino Julio Alves da Silva; GRECO, Pablo Juan. Cognição e ação nos jogos esportivos coletivos. *Ciência & Cognição*, v. 15, n. 1, p. 252-271, 2010.

MENEZES, Rafael Pombo. O Ensino dos Sistemas Defensivos do Handebol: considerações metodológicas acerca da categoria cadete. *Pensar a Prática*, v. 13, n. 1, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v13i1.7269>

MENEZES, Rafael Pombo. *Modelo de análise técnico-tática do jogo de handebol: necessidades perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real*. 2011. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

MENEZES, Rafael Pombo. Ensino do handebol em longo prazo: estudo a partir da opinião de treinadores. *Educación Física y Ciencia*, v. 20, n. 2, e048, 2018.

MENEZES, Rafael Pombo; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; MORATO, Márcio Pereira. Percepção de treinadores de handebol sobre as variáveis defensivas e ofensivas do jogo na categoria sub12. *Motricidade*, v. 12, n. 3, p. 6-19, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.6063/motricidade.4581>.

MENEZES, Rafael Pombo; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; NUNOMURA, Myrian. O ensino do handebol na categoria infantil a partir dos discursos de treinadores experientes. *Movimento*, v. 21, n. 2, p. 463-477, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.47664>.

MENEZES, Rafael Pombo; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; NUNOMURA, Myrian. Teaching handball to players under-12: the perspective of Brazilian coaches. *Motriz*, v. 23, n. 4, e101792, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1980-6574201700040006>.

MENEZES, Rafael Pombo; RAMOS, Nilo César; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; NUNOMURA, Myrian. Teaching handball to U-16 and U-18 women's teams: coaches' perspective on the long-term. *Motriz: Revista de Educação Física*. Rio Claro, v. 24, n. 4, e101838, 2018. <https://doi.org/10.1590/s1980-6574201800040001>.

MIRANDA, Renato. O medo, a coragem e a motivação no treinamento do goleiro de handebol. In: GRECO, Pablo Juan (Ed.). *Caderno do Goleiro de Handebol*. 2. ed. Belo Horizonte: Philippka Verlag Minster, 2002. p. 187-202.

MODOLO, Felipe; MENEZES, Rafael Pombo. Características Técnico-táticas dos goleiros de handebol da categoria sub-16: Opinião de Treinadores Brasileiros. *Cuadernos de psicología del deporte*, v. 19, n. 1, p. 206-221, 2019.

MODOLO, Felipe; BELTRAMINI, Lucia; MENEZES, Rafael Pombo. Revisão sistemática sobre o processo de ensino e de análise do goleiro de handebol. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, v. 18, n. 3, p. 234-251, 2018.

OLIVE, Daniel; SEROVICH, Julianne; MASON, Tina. Constraints and opportunities with interview transcription: Towards reflection in qualitative research. *Social Forces*, v. 84, n. 2, p. 1273-1289, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/sof.2006.0023>.

PASCUAL FUERTES, Xavier; PEÑA BARCELÓ, Rubén. El portero de balonmano: una aplicación práctica de entrenamiento perceptivo-decisional ante lanzamientos de primera línea. *Apunts: Educación Física e Esports*, v. 84, p. 66-75, 2006.

SÁ, Paulo. FERNANDÉZ ROMERO, Juan Jose. GOMES, Antonio Rui. A tomada de decisão no guarda-redes de andebol. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA DO DESPORTO & EXERCÍCIO, Universidade do Minho, Braga, Portugal. 2007.

SÁ, Paul; GOMES, Antonio Rui; SAAVEDRA, Miguel; FERNANDÉZ ROMERO, Juan Jose. Percepción de los porteros expertos en balonmano de los factores determinantes para el éxito deportivo. *Revista de Psicología del Deporte*, v. 24, n. 1, p. 21-27, 2015.

SANTOS, Waldir Romário dos; Menezes, Rafael Pombo. Especialização de jogadoras de handebol a partir dos discursos de treinadores. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, v. 19, n. 2, p. 47-61, 2019.

SANTOS, Waldir Romário dos; MENEZES, Rafael Pombo. Specialization of handball players: speeches of school team coaches. *E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte - Journal Of Sport Science*, v. 16, n. 2, p. 85-92, 2020.

SOUSA, Duarte; PRUDENTE, João; SEQUEIRA, Pedro; HERNÁNDEZ-MENDO, Antonio. Análise da qualidade dos dados de um instrumento para observação do 2 vs 2 no andebol. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, v. 9, n. 1, p. 173-190, 2014.

SOUSA, Duarte Jesus; PRUDENTE, João Nunes; SEQUEIRA, Pedro; LÓPEZ-LÓPEZ, José Antonio; HERNÁNDEZ-MENDO, Antonio. Análisis de las situaciones de juego 2vs2 en el campeonato europeo masculino de balonmano 2012: aplicación de la técnica de coordenadas polares. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, v. 15, n. 1, p. 181-194, 2015.

THOMAS, Jerry; NELSON, Jack; SILVERMAN, Stephen. *Métodos de pesquisa em atividade física*. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

WAGNER, Herbert; FINKENZELLER, Thomas; SABINE, Wurth; VON DUVILLARD, Serge. Individual and Team Performance in Team-Handball: A Review. *Journal Of Sports Science And Medicine*, v. 13, n. 4, p. 808-816, 2014.

WRIGHT, Craig. CARLING, Chris. LAWLOR, Craig. COLLINS, David. Elite football player engagement with performance analysis. *International Journal of Performance Analysis in*

Sport, v. 16, n. 3, p. 1007-1032, 2016. Disponível em:
<https://doi.org/10.1080/24748668.2016.11868945>.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

A autoria é responsável pelos conteúdos do texto. Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Felipe Modolo – Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Rafael Pombo Menezes - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Recebido em: 27 mar. 2020

Aprovado em: 7 out. 2020

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

